



Psicanálise e Autoconhecimento

Uma introdução à psicanálise

GERALDO LUIZ

2020



Figura 1: A ferramenta

1 Prólogo sobre a ferramenta

Antes de começar a falar sobre psicanálise e autoconhecimento, gostaria de falar sobre a ferramenta, mostrando um pequeno trecho do filme do Kubrick, “2001 uma Odisseia no espaço”. Percebam a ideia de Kubrick, definir o homem como aquilo que conhece a ferramenta, explicitada pelo corte mais belo do cinema, que em um gesto une o osso a um estação espacial.

E o que conhecemos como sendo a ferramenta? Senão aquilo que torna algo complexo em simples, algo trabalhoso em algo prático, ou até mesmo o impossível em possível? O protótipo da ferramenta é a alavanca, que provavelmente vocês devem ter visto em física, a qual, através de um ponto de apoio, divide o peso necessário para mover um objeto, multiplica nossa força. Na cena de Kubrick, vemos isso através da ideia do Hipopótamo, criatura grande, gorda, mais forte que o chipanzé retratado. Não obstante, vemos os Hipopótamos cedendo, desmontando, caindo, automaticamente. Na cena não há embate entre o chipanzé e a anta, a contemplação da ferramenta já é o golpe.

1.1 Derrotando Antas

Ora, supomos agora que vocês tenham uma ~~problema~~ anta, para resolver, como se a vida já não nos desse ~~exemplos~~ Antas o suficiente. Sendo uma pessoa muito bem instruída, e que tenha visto o filme do Kubrick, você conclui que não é um macaco, e que deve haver uma ferramenta certa para resolver seu problema. Em seguida, você pega o metrô e desce na estação da Carioca, indo diretamente para o Palácio das Ferramentas, primeiro lugar que apareceu na sua pesquisa no Google, quando buscaste “lojas de ferramentas rj”.

Chegando lá você se depara com uma imensidade de ferramentas, e se dirige ao balcão, e em seguida ao vendedor. Ele lhe pergunta o que exatamente você está a procurar, e em seguida tu respondes que tem um problema em casa para resolver. Ele impulsivamente lhe devolve exemplos de martelos, serrotes e chaves de fenda, e você o interrompe, dizendo que se trata de algo mais subjetivo. O vendedor fica ligeiramente atordoado e confuso, sendo completamente desnorteado e atacado por seu mais criativo e alucinado desejo: **“Estou na verdade procurando uma ferramenta de autoconhecimento”**. Em resposta, o vendedor fica pálido, começa tremer e suar frio. Sua inventividade desgovernada o colocara em coma, sem que esse pudesse esboçar suas últimas palavras.

2 O universo das Ferramentas

Supondo agora que a loja se chamasse Universo das Ferramentas, onde lá houvesse todas as ferramentas possíveis. O que você poderia encontrar na estante que o vendedor(muito bem instruído dessa vez) lhe apontaria em resposta a sua inquietante busca por ferramentas de autoconhecimento?

Percebam que deixei de colocar a psicanálise na estante, não por ela não ser uma ferramenta de autoconhecimento, mas por ser, como tentarei argumentar, *A ferramenta de autoconhecimento*. Ela introduz um modo de experiência singular e inédito, totalmente distinto das demais ferramentas apresentadas. Ainda que inédita, retifico que a psicanálise terá muitas características semelhantes as ferramentas da estante, porém de uma *outra* forma. Sintam-se livres para comentar ou dar exemplos de outras ferramentas que vocês colocariam nessa Estante.

Meditação	Tarot	Poesia	Música
Sexo	Astrologia	Escrita	Arte
Esporte	Drogas	Leitura	Ciência
Dança		Diário	
Yoga			

Tabela 1: Possível estante de ferramentas de autoconhecimento a ser construída com a turma.

3 Plano de fundo intelectual

Estive pensando como sintetizar a singularidade e a inovação da psicanálise para que pudéssemos começar de maneira bem concreta nossa aula. Recorri então a uma transcrição de um seminário do M.D Magno, psicanalista brasileiro, onde me reencontrei com uma passagem esclarecedora. Entretanto, vamos fazer uma pequena introdução histórica para contextualizar esse novo personagem, e um outro muito importante, que estará subjacente nas ideias aqui apresentadas.

Esse será Jacques Lacan, psicanalista francês, que nomeou seu primeiro seminário editado com o slogan de “retorno a Freud”. Uma vez que segundo Lacan, os seus contemporâneos pós-freudianos haviam se perdido das origens freudianas. Além de propor um “retorno a Freud”, vale ressaltar que embora a criação do pensamento lacaniano seja atribuído a Lacan, ele mesmo dizia que era freudiano e que tinha a apenas a intenção de tornar explícito o que havia de implícito no pensamento de Freud. Tendo inclusive fundado o colégio freudiano, em homenagem ao seu “mestre”, sua apreciação pela obra era tal que, Lacan chegava a afirmar que a obra de Freud era a mais verdadeira, e a que mais descrevia a natureza do homem.

Por esses motivos, torna-se coerente o movimento de apresentar a psicanálise à partir da obra dos dois, sendo as ideias de ambos em grande parte compatíveis.

Mas por enquanto, passo por Lacan, apenas para apresentar M.D Magno. Tendo sido analisado e instruído por Lacan, Magno foi o responsável por trazer e ensinar Lacan no Rio de Janeiro. Vocês podem encontrar entrevistas do Magno no Jô Soares e algumas outras gravações antigas no Youtube, além de seus livros, claro. Hoje em dia, ele se dedica a trabalhar conceitos psicanalíticos, e caminhar com o pensamento lacaniano.

4 O que é a Psicanálise?

Antes de introduzir a visão de Magno sobre essa pergunta. Cabe aqui responder o que é psicanálise no sentido mais popular da pergunta. Tendo sido inventada por Freud em decorrência de suas investigações da histeria, o termo veio a ser cunhado para designar uma relação inédita entre médico e paciente, que se instrumentava principalmente da livre associação de ideias para lembrar e se curar de episódios traumáticos. Ou seja, o analista pede que o analisando em seu divã, fale o que lhe vier a cabeça para que esse se aproxime das causas que produzem sofrimento em sua vida, e finalmente lembre e reconheça as representações reprimidas que insistem em voltar de maneira distorcida e irreconhecível.

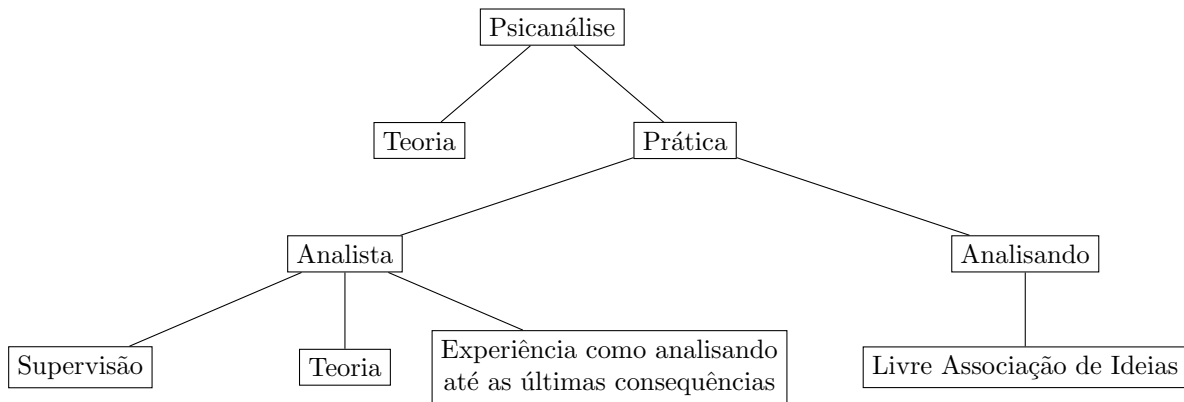


Figura 2: Prática da psicanálise como relação entre analista e analisando, onde o primeiro é estruturado pela teoria, por sua extensa análise pessoal e supervisão, e o analisando é aquele que fala livremente o que lhe vier a cabeça, sentado ou deitado no divã, sofá característico da análise.

4.1 É a arte de fazer nem-nem

Pois bem, para definir e distinguir a psicanálise de todas as outras práticas que enumeramos, quero-lhes apresentar a ideia de Magno que a Psicanálise é a arte de fazer nem-nem. Sim, da primeira vez que li isso no livro, achei ridículo o termo, não entendi e passei batido pela explicação, apenas para retornar depois e me encantar com a simplicidade de sua colocação.

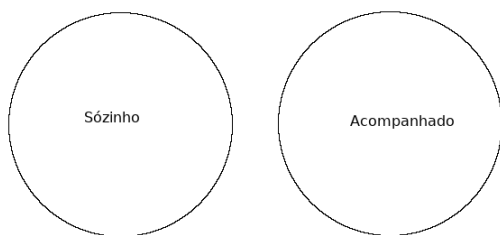
O trecho que lerei faz parte da transcrição de um de seus seminários, que deram origem a um livro chamado “O Pato Lógico”, entenderam o jogo de palavras? O Pato Lógico...O Patológico...Sim, o Magno em específico brinca muito com os sons, e a arte de fazer nem-nem será um de seus jogos. Abrindo o livro vemos o sumário com nomes de capítulos muito peculiares como: “O Filho da Pata”, “O Pai do Patinho”, “A Mulher do Pateta”. Vamos na verdade para o segundo capítulo, “A Contrabanda do Espelho” onde lê-se a passagem que irá estruturar nossa aula:

“Já disse aqui,” diz Magno, “por mais de uma vez, que a psicanálise é a arte de fazer nem-nem. Isto para mim é importante e rigoroso: **A Psicanálise é a arte de fazer nem-nem.** Mas isto não significa, de modo algum, o trabalho do obsessivo. Obsessivo é meio nem-nem. Só que o obsessivo é aquele que nem faz nem sai de cima. Não é isto Psicanálise. O nem-nem que se faz na psicanálise é de outra ordem. É que o que se faz como análise não é nem junto com outro, nem sozinho – não é nem só, nem acompanhado. (...) É uma coisa que Lacan vem pôr em evidência: **através do e no discurso psicanalítico não se está só, e nem se está acompanhado.** O que quer dizer isto?

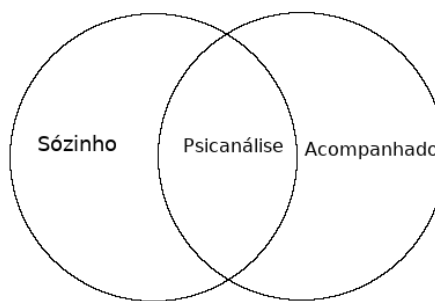
Na prática da análise, **ainda que o analisando fale sozinho o tempo todo(até se pode pensar numa análise onde o analista não diz nada, é perfeitamente viável)**, o analista está lá não só para que o analisando não esteja falando sozinho, evidentemente, porque sozinho ninguém fala, mas para que esteja representando que ele está sendo acompanhado.”

(Magno 1983, pp. 2.5-2.6)

E isso é crítico, essa é a característica fundamental que nós iremos usar para distinguir a psicanálise de todas as outras práticas citadas. O momento psicanalítico é distinto de tudo. Antes de começarmos a próxima etapa da aula, que virá a esclarecer essa colocação do Magno, vamos formalizar logicamente o que acabou de ser dito.



(a) Dois conjuntos mutuamente excludentes



(b) Superposição dos dois conjuntos da figura (a), dando origem a um novo termo

5 Livre Associação de Ideias

Já é perfeito se vocês entenderem o ponto que acabei de estabelecer. Esse será nossa base, donde iremos partir, e mais tarde retornar. Resta ser esclarecido os fundamentos por trás dessa colocação. Vejamos mais uma vez: Que o analisando não está sozinho é óbvio, há um analista o acompanhando, mas **porque ele não está acompanhado?**. E ainda: **Porque isso é determinante para o autoconhecimento?** Investigaremos essa questão inicialmente através da livre associação de ideias.

A psicanálise, se mostra ao analisando sob somente uma regra: “**Fale o que lhe vier à cabeça**”. Essa regra é a expressão do que encontramos na teoria psicanalítica, sob o nome de **livre associação de ideias**. Ela implica que o analisando fale sobre tudo, sem necessidade de qualquer ordem ou lógica. Isso só é possível através da neutralidade do analista em relação à história do sujeito.

5.1 Porque ele não está acompanhado e porque não estar acompanhado é determinante para o autoconhecimento?

Quero começar através da ideia que a maneira mais eficiente de absorver um conhecimento é ensinando sobre ele:

“É de meus analisandos que aprendo tudo, que aprendo o que é a psicanálise”
Jacques Lacan

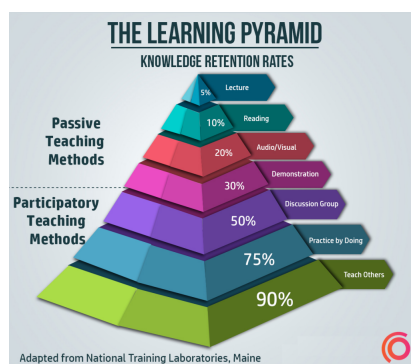


Figura 4: Diagrama das formas de aprendizado

O sujeito por sua vez, mais aprende sobre si, na medida em que ensina sua história para um outro . E isso só é possível na medida em que o analista assume a posição de outro, comparecendo principalmente através de sua *escuta* e de suas *pontuações*, numa postura neutra, que por sua vez abre espaço para o analisando falar livremente, sobre potencialmente tudo, sem inibições, preocupações, ou interrupções de conversas cotidianas. Com a postura do analista, o analisando pode falar sobre sua história genuinamente, como se nem estivesse acompanhado. Porque de fato, poder falar **o que quiser como quiser** não é natural de **nenhuma** relação, até mesmo das mais íntimas.

Espero ter esclarecido, num momento inicial, o princípio deslanchador do processo analítico. Em síntese, a livre associação de ideias marca a análise como palco para o autoconhecimento, onde o ator está nem só nem acompanhado, pois o sujeito se elabora para alguém que ouve, numa relação onde simultaneamente se ensina e aprende sobre si, e onde não comparece as convenções da convivência.

5.2 E o que o analisando aprende?

Estando todos convencidos que essas duas características favorecem um ambiente propício ao autoconhecimento, o que exatamente podemos esperar que aconteça? Ou melhor, **qual é o produto do processo analítico?**

Em essência, em análise nós rememoramos memórias recalçadas, aprendemos sobre nossa história, e nos curamos de nosso sofrimento intrínseco. Portanto, a dificuldade de nos entender e nos curar, se dá em grande parte, pelo sumiço de algumas das peças do quebra-cabeça que é a nossa história, o qual se dá pela repressão, que provoca e mantém verdadeiras lacunas em nossa memória. De tal forma, estando o autoconhecimento diretamente vinculado à ideia de repressão, cabe aqui dar alguns passos com o conceito.

“o desconhecimento ativo próprio ao recalçamento designa, para Lacan, um “não querer saber de nada disso”

(Coutinho 2005, pp.66)

“Tocamos aqui na difícil distinção a ser estabelecida entre recalque e esquecimento: se esquecer não é idêntico a recalcar, recalcar, por sua vez, pode ser definido como “esquecer que se esqueceu”, isto é, esquecer de uma forma tão absoluta que nem mesmo o próprio ato do esquecimento sobrevive na memória.

(Coutinho 2017, pp.98)

“Tudo o que é recalçado é inconsciente, mas não podemos afirmar que tudo o que é inconsciente é recalçado”

(Coutinho 2010, pp.42)

Nesse momento acho que vale a pergunta feita por uma aluna em outra ocasião:

“Não é importante reprimir certas coisas para abrir espaço para coisas novas?”

Aluna do Pedro II

Acho perfeito essa colocação, pois se trata de exatamente o contrário. O que mais ocupa espaço é a força repressiva, primeiro porque ela não é algo esporádico, é algo constante. Não se reprime assim como se joga algo fora, o esforço é uma força ativa que demanda energia, e nos exaure para manter o conteúdo indesejável alheio a consciência. Então, paradoxalmente:

“Se o recalque preserva determinadas representações que permanecem petrificadas nas diferentes formas sintomáticas pelas quais ela retorna, simbolizar implica poder esquecer. Assim, é necessário desrecalcar e rememorar para - paradoxalmente - poder esquecer.”

(Coutinho 2017, pp.100)

	Sentido	“Esquecer”	Sentido	“Lembrar”	Sentido
Início	→	Recalque(Esquecer que esqueceu)	→	Derivados Sintomáticos	↓
Fim	←	Se libertar dos efeitos do recalque	←	Relembrar/Simbolizar	←

Tabela 2: Esquema para elucidar a possível ambiguidade dos termos “esquecer” e “lembrar” na psicanálise, através de uma progressão didática.

A livre associação de ideias por sua vez, caminha em direção as causas do recalque de maneira “livre”, indireta e despretenciosa, ou seja, sem buscá-las diretamente, o que intensificaria as forças da repressão. Portanto, caminhando passo a passo, sem movimentos bruscos que atuariam as forças repressivas, o processo analítico provoca o desrecalçamento e a rememoração, que elucidam a teia de eventos da nossa história, e diminuem a insistência do retorno do recalçado:

*“Como uma das leis da psicanálise é que o recalcado sempre retorna sob a forma de algum de seus **derivados sintomáticos**, depreende-se que o recalcado retorna enquanto o recalca-mento não for suspenso e a **lacuna mnêmica** correspondente a ele não for preenchida”*
(Coutinho 2017, pp.99)

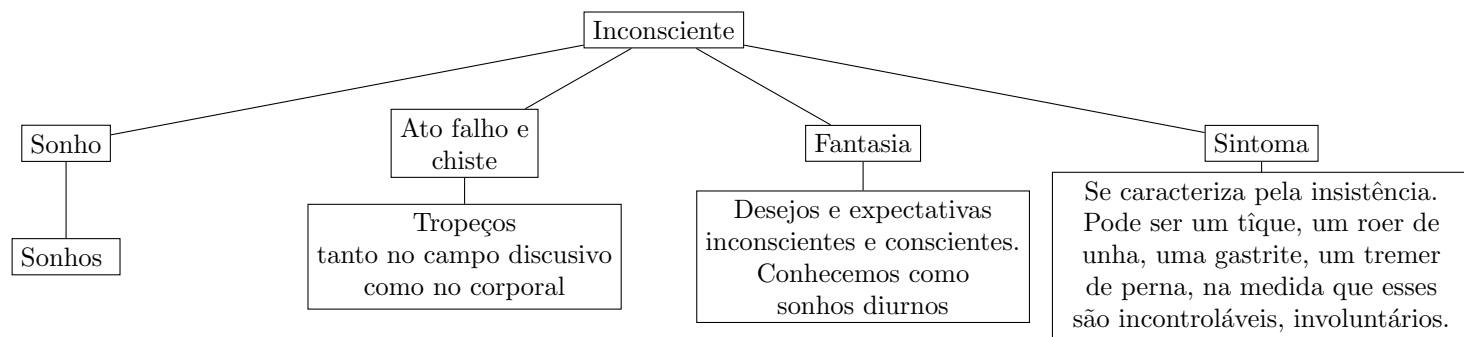


Figura 5: Algumas das formas dos derivados sintomáticos

Gostaria agora de exemplificar o que construímos até agora, me utilizando de alguns atos falhos e chistes que presenciei. Sendo ambos pertencentes ao campo discursivo, o ato falho pode ser uma palavra trocada despercebida, enquanto o chiste é impossível de ser ignorado devido à sua relação estreita com o humor.

- Minha professora que se autointitula punho de ferro, afirma em aula “sem querer” que o melhor sistema de governo é a ditadura
- Um convidado do Papo de Segunda no GNT, que formalmente iniciou um estilo musical chamado pocnejo, misturando elementos gays com o sertanejo, onde este expunha nas letras sua escolha sexual. Ao ser questionado sobre o lançamento de seu primeiro clip musical que veio a ser um hit, ele afirmou que esse teria sido um “tiro no pé”, até um dos apresentadores lhe corrigir com a expressão “tiro no escuro”.
- Eu mesmo antes da aula de meu orientador Edgar Lyra, pergunto aos meus colegas se eles mesmos “Lyraram” o texto que o professor passou.

Charada para a turma: Nos outros dois casos é fácil teorizar as causas do tropeço. E no meu? Dadas as informações, o que seria possível de hipotetizar como causa?

Sobre esses exemplos, quero estabelecer que:

*“A mesma natureza de complexo, isto é, de grupo de representações interconectadas, entre as quais algumas são ocultas ou inconscientes, também possuem o esquecimento inesperado das coisas mais simples, os deslizos cotidianos de fala, leitura e escrita, a manipulação, a perda e a quebra de objetos, os pequenos gestos, aos quais não se presta muita atenção, etc. **Todos esse atos falhos não possuem nenhuma causa - argumenta Freud - apenas para quem não entendeu a rigorosidade do determinismo causal entre os fenômenos reais, o que inclui as ações e omissões humanas.**”*

(Freud 1910, pp.15)

Não há nada por acaso em nossa vida psíquica, nós simplesmente estipulamos o acaso para que se torne lógico conviver com nossos sintomas, e com a ignorância de nossa história. Esse é um dos princípios por trás do texto “Uma dificuldade para a psicanálise” visto em aula:

“A aversão à psicanálise, porém, sempre existiu e tem muitas frentes. A principal é, sem dúvida, a mesma resistência ao conhecimento que fracassa em sintomas. Além disso, “a falta de hábito de se considerar o rígido determinismo vigente na vida anímica

(ibid., pp.23)

6 Como nos tornamos quem somos?

Creio ter estabelecido um instrumental que nos torne prático responder a pergunta estipulada. Para começar a descendência de nossa aula em direção à resposta, cito uma passagem bem estreita à nossa questão:

"O neurótico realmente curado tornou-se outro homem, embora, no fundo, naturalmente tenha permanecido o mesmo; ou seja, tornou-se o que se teria tornado na melhor das hipóteses, sob as condições mais favoráveis."

(Coutinho 2017, pp.131)

Entretando, retomo agora a colocação de Magno, e lhes pergunto, se a arte de fazer nem-nem não lhes parece algum jogo fonético. Como disse, o Magno adora fazer esses jogos. No caso acho que é evidente e seguro interpretar a definição de Magno sobre a psicanálise como: A arte de fazer nenem.

Essa perspectiva toma certa força se interpretarmos a psicanálise como um processo de *desnudamento*. Se vocês conhecem as três metamorfoses do espírito de Nietzsche, já sabem do que estou falando. Caso contrário, e acredito que seja o caso, vou preferir utilizar o filme "O curioso caso de Benjamin Button". O filme conta a história de um homem que nasce velho e vai rejuvenescendo conforme o tempo. Proponho que interpretemos o filme como uma metáfora de um processo emocional.

Para ser mais preciso, me refiro ao nosso nascimento social, que cada um pode tentar estipular tendo como critério o nascimento de sua identidade. Nesse sentido, nascemos já prontos, repletos, e cansados. Copiamos comportamentos para sermos funcionais em grupo, e nos entulhamos para preencher as lacunas criadas pelo ingresso no mundo social e suas expectativas.

Sejamos bem claros, estamos dando um valor positivo para a criança, naquilo que ela tem de criativo, inocente, decisivo, genuíno, minimalista, despretencioso e livre. Que precisa ser bem distinguido do vocabulário popular que utilizamos para tratar aqueles sem educação e bom senso.

Tendo isso em mente, nos tornamos quem somos, portanto, através de um processo de subtração, no qual removemos os recalques, e nos despimos de uma imensa quantidade de afetos desnecessários. Esses que por sua vez são atraídos ingenuamente pelo desejo enturvecido desconhecedor de sua história.

Isso tudo só é possível, ao meu ver, através da relação entre analista e analisando, onde o caminho traçado pela livre associação de ideias gradualmente dá luz as memórias reprimidas, e por conseguinte, a nossa história e ao nosso desejo. Eis a ferramenta que nós esperávamos: A psicanálise. Que por sua vez se expressa através do analista, que comparece como um outro que escuta, estimula e mantém o analisando falando livremente, através da livre associação de ideias.

Referências

- Coutinho, Marcos Antonio (2005). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1:as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2:a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2017). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.3:a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, Sigmund (1910). *Cinco lições de Psicanálise*. São Paulo: Cienbook, 2019.
- Magno, M.D (1983). *O Pato Lógico*. outra editora.